A performance de Zé Lourenço na página 2

Tribuna BIS

Um tiro que saiu mesmo pela culatra na página 4

Rio de Janeiro, 10 e 11 de fevereiro de 1990 — Tribuna da Imprensa — Não pode ser vendido separadamente

Redescobrindo Mário de Andrade

Mário de Andrade morreu há 45 anos, mas vem sendo redescoberto, com interesse cada vez maior, pelas novas gerações de leitores. O público se delicia com "Macunaíma", "Amar, verbo intransitivo'e também com a vasta produção epistolar do fascinante escritor paulista. "Mário de Andrade: exílio no Rio", de Moacir Werneck de Castro, é um livro que retrata parte da vida do escritor e reproduz a correspondência que Moacir, na juventude, recebeu do seu biografado.

Arquivo

Mário de Andrade: "Viver não é conservar a vida, mas sim gastá-la"

Leandro Konder

Em 25 de fevereiro - há 45 anos, portanto - morreu Mário de Andrade. A notícia do seu falecimento repercutiu como a explosão de uma bomba entre os numerosos e fiéis amigos do escritor. Um desses amigos, o poeta Carlos Drummond de Andrade, prometeu, emocionado, em versos, que ficaram famosos: "Daqui a 20 anos farei teu poeta/e te cantarei com tal suspiro/que as flores pasmarão, e as abelhas/confundidas, esvairão seu mel".

O tempo foi passando, porém Mário de Andrade não ficou esquecido. Novas gerações redescobriram sua obra, encantaram-se com seu talento múltiplo de poeta, romancista, crítico literário, ensaísta, historiador da música e das artes.

Havia muitos artistas extraordinários no movimento modernista desencadeado em 1922. Oswald de Andrade (cujo centenário está sendo comemorado neste começo de ano) era, de fato, brilhante: sacudiu a poeira das tradições envelhecidas, arejou as mentalidades, combateu a ditadura e o conservadorismo com muita coragem. Heitor Villa-Lobos nos deixou criações geniais e de certo modo inaugurou uma nova etapa na história da nossa música. Tudo indica, porém, que a figura humana mais densa e a inteligência mais rica do modernismo foi Mário de Andrade.

Mário tinha sobre os outros a vantagem de uma cultura mais ampla, de uma visão panorâmica das coisas. Se o velho Hegel tinha razão quando escreveu que "a verdade é o todo", Mário pode ser considerado, pela vastidão dos seus horizontes, aquele que mais se aproximou do conhecimento da verdade. Ou, se a verdade for reconhecida como inatingível, aquele que mais perto conseguiu chegar de uma aproximação ao maior número de verdades.

O homem conhecia tudo! Leu sobre todas as coisas, com uma curiosidade impressionante. E escreveu uma enormidade. Além de obras-primas como "Macunaíma", como "Amar, verbo intransitivo", estudos sobre folclore e medicina, a belíssima "Meditação sobre o rio Tietê" e tantas outras páginas fascinantes, Mário era um correspondente dotado de espantoso fôlego. Suas cartas vêm sendo publicadas e vêm revelando novos e surpreendentes aspectos da sua personalidade.

Lembro aqui, sem pretender fazer uma lista completa, alguns dos volumes das cartas de Mário: as "Cartas a um jovem escritor", para Fernando Sabino (ed. Record); as cartas enviadas a Manuel Bandeira; aquelas que foram mandadas para Murilo Miranda (ed. Nova Fronteira); a correspondência de Mário com Prudente de Moraes, neto, preparada por Georgina Koifman (ed. Nova Fronteira); as cartas a Pedro Nava ("Correspondente contumaz", também da Nova Fronteira, edição preparada por Fernando da Rocha Peres); as cartas endereçadas a Carlos Drummond de Andrade ("A Lição do Amigo"), organizadas e anotadas pelo destinatário, editadas pela José Olympio; e as cartas para Anita Malfati, organizadas por Marta Rossetti Batista (ed. Forense Universitária).

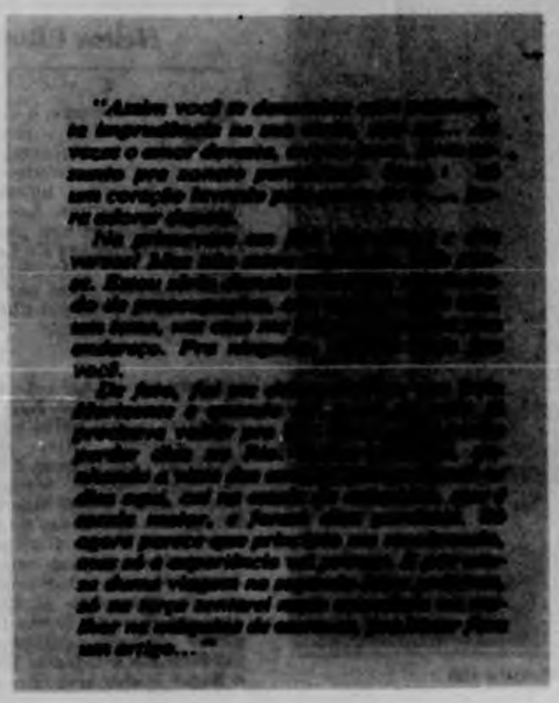
A volumosa correspondência é parte extremamente significativa da obra literaria de Mário. Para o autor de "Macunaíma", responder às cartas recebidas era ponto de honra, questão de princípio. E ele se punha todo no que escrevia para os amigos. A correspondência, aos seus olhos, só se justificava se fosse absolutamente sincera, isenta de preocupações com a preservação das "aparências". Mário ridicularizava aqueles que escreviam para os íntimos "cartas como se faz na França, cartas pra depois da morte os amigos publicarem". Quando usava o correio para conversar com uma determinada pessoa, ele tinha consciência de que se achava numa situação especial, diferente da do autor que escreve para o público, em geral. No entanto, paradoxalmente, é essa autenticidade da expressão privada existente nas cartas que as torna tão interessante e que justifica que elas sejam publicadas (ainda que isso contrarie a intenção de quem as redigiu).

Agora mesmo estão sendo editadas novas cartas, inéditas, de Mário de Andrade: estão incorporadas a um livro delicioso, encantador, escrito por aquele que as recebeu, na primeira metade dos anos 40, quando era um jovem jornalista e militante de esquerda, muito antes de se tornar o escritor que todos admiram hoje e de ser reconhecido como mestre do idioma português. Estou me referindo a Moacir Werneck de Castro e ao livro "Mário de Andrade: exílio no Rio", da editora Rocco.

Moacir Werneck de Castro

MÁRIO DE ANDRADE
Exílio no Rio

"Mário de Andrade - Exílio no Rio", de Moacir Werneck de Castro Editora Rocco, 232 páginas NCz$ 378,00



Moacyr Werneck de Castro reconstitui a situação da vinda de Mário para o Rio de Janeiro, depois de ter sido praticamente forçado a renunciar à chefia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Mário tinha estado no Rio em 1923, tinha brincado carnaval e gostado muito da cidade. Voltava a ela, porém, num estado de espírito marcado pela frustração e pela melancolia.

No Rio, fica instalado no Catete, num apartamento da Rua Santo Amaro, dando aulas na então Universidade do Distrito Federal. Conversa com Manuel Bandeira e com Carlos Drummond de Andrade, mas acaba ampliando seu círculo de relações, batendo papos sobre literatura e política com Murilo Miranda, Lúcio Rangel, Carlos Lacerda, Pedro Nava e o próprio Moacir, que viria mais tarde a ser seu biógrafo.

A troca de idéias e de impressões entrava noite adentro na Taberna da Glória e os jovens intelectuais ficavam deslumbrados com a combinação de saber e modéstia pessoal, de cultura e timidez, que enxergavam no escritor veterano. Mário preservava um lado brincalhão, lúdico, infantil, espontâneo, que cativava os interlocutores. Numa carta a Drummond, escreveu: "Acho uma delícia a gente tocar a campainha dos outros e depois fugir".

Embora não tenha se engajado em qualquer organização política, Mário adquiriu, ao longo de sua vida, uma compreensão cada vez mais robusta das responsabilidades do intelectual e do artista em relação a seu povo. Seu trabalho só possuía sentido, a seus olhos, na medida em que podia servir aos outros. Ninguém era menos diletante do que o brincalhão. Entre os modernistas de 1922, nenhum era mais sério e mais ético do que Mário. No diálogo com os jovens amigos, contudo, a delicadeza da sua sensibilidade o levava, com frequência, a disfarçar a seriedade do seu compromisso vital com uma pitada de humor.

O estudo biográfico que Moacir Werneck de Castro dedica ao amigo morto há 45 anos recupera não só o que Mário fez e disse quando estava "exilado" no Rio de Janeiro, mas também resgata algo do ambiente físico, do clima espiritual e das condições históricas do Rio de Janeiro daquele tempo sombrio. Com o tino de um historiador competente, o autor de "Mário de Andrade: exílio no Rio" tece a trama na qual se entrelaçam as esperanças e os medos, o riso, a música popular e as angústias políticas, as incertezas e os prazeres, a literatura e a vida.

Os anos que Mário passou no Rio atravessavam o sufoco do Estado Novo, da repressão comandada por Filinto Muller e autorizada por Getúlio Vargas, como também se ressentiam das tempestades européias, do processo que levou à guerra e às maiores atrocidades cometidas pelas ditaduras, especialmente na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini.

Mário, no convívio com os jovens amigos que costumava encontrar no Rio, recebeu alento para confiar na vida, para acreditar no futuro. De algum modo, o escritor solitário se dava conta de que a morte o rondava, mas reagia dedicando-se cada vez mais ao trabalho e se empenhando cada vez mais em servir á Humanidade.

Depois de ter voltado para São Paulo, poucos meses antes de morrer, o inabalável humanista (precisamos recuperar a credibilidade dessa palavra!) contou ao poeta Carlos Drummond de Andrade que estava em conflito com seus médicos. "Eles partem do princípio profissional talvez lógico mas anti-Mário de que viver é conservar a vida. Pra mim, viver é gastar a vida. De maneira que não chegamos a nenhum entendimento".

Essa coerência - que resistia até à aproximação da morte - era a melhor expressão da inteireza do seu caráter. Um caráter que as novas gerações vão redescobrindo, graças à leitura das obras de Mário de Andrade, graças à leitura de suas cartas e também graças à leitura de livros como esse que Moacir Werneck de Castro acaba de lançar.